

Fundamentos da Computação

1ª edição: Outubro/2001

RICARDO J. MACHADO

Email: rmac@dsi.uminho.pt
URL: <http://www.dsi.uminho.pt/~rmac>



Universidade do Minho

Departamento de Sistemas de Informação

Sumário

- 1. Bases Matemáticas**
- 2. Modelos de Computação**
- 3. Gramáticas e Linguagens**
- 4. Processamento de Linguagens**

1. Bases Matemáticas (1/34)

- Lógica -

■ Proposição

– é uma frase que pode ser apenas ou verdadeira ou falsa

- Dez é menor do que sete.
(proposição falsa)
- Como vai você?
(pergunta, logo, não é uma proposição)
- Ela é muito talentosa!
(frase com uma variável, logo, não é uma proposição)
- Existem formas de vida noutros planetas.
(proposição, mesmo que não saibamos qual a resposta)

■ Valores lógicos ou Booleanos

– os valores que pode tomar uma proposição

- verdadeiro representa-se por "V", "T" ou "1"
- falso representa-se por "F" ou "0"
- nota: uma proposição sempre verdadeira é designada de *tautologia*
uma proposição sempre falsa é designada de *contradição*

© RMAC X-2001

3

1. Bases Matemáticas (2/34)

- Lógica -

■ Operadores lógicos ou Booleanos

– negação de uma proposição (*não*)

- representa-se por " A' ", " \bar{A} ", " $\neg A$ ", " $\sim A$ " ou "*not A*"
- lê-se "não A", "A é falso" ou "A não é verdade"
- não quer dizer que " $\neg A$ " tenha sempre um valor lógico falso, mas sim que o valor lógico de " $\neg A$ " é o contrário de "A"
- tabela de verdade de $F(A) = \neg A$

A	F
0	1
1	0

■ exemplo:

- se A = "Amanhã vai chover.", então $\neg A$ = "Amanhã não vai chover."

© RMAC X-2001

4

1. Bases Matemáticas (3/34)

- Lógica -

■ Operadores lógicos ou Booleanos

– conjunção de duas proposições (*e*)

- representa-se por " $A \wedge B$ ", " $A \times B$ ", " $A \cdot B$ ", " $A * B$ " ou "*A and B*"
- lê-se "*A e B*"
- tabela de verdade de $F(A, B) = A \wedge B$

A	B	F
0	0	0
0	1	0
1	0	0
1	1	1

■ exemplo:

- "Os elefantes são grandes e as bolas são redondas."

© RMAC X-2001

5

1. Bases Matemáticas (4/34)

- Lógica -

■ Operadores lógicos ou Booleanos

– disjunção inclusiva de duas proposições (*ou*)

- representa-se por " $A \vee B$ ", " $A + B$ " ou "*A or B*"
- lê-se "*A ou B*"
- tabela de verdade de $F(A, B) = A \vee B$

A	B	F
0	0	0
0	1	1
1	0	1
1	1	1

■ exemplo:

- "A Joana detesta manteiga ou adora nata."

© RMAC X-2001

6

1. Bases Matemáticas (5/34)

- Lógica -

■ Operadores lógicos ou Booleanos

– disjunção exclusiva de duas proposições (*ou ou*)

- representa-se por " $A \oplus B$ " ou " $A \text{ xor } B$ "
- lê-se "*ou A ou B*"
- nota: $A \oplus B = (\neg A \wedge B) \vee (A \wedge \neg B)$
- tabela de verdade de $F(A, B) = A \oplus B$

A	B	F
0	0	0
0	1	1
1	0	1
1	1	0

■ exemplo:

- "A Joana ou detesta manteiga ou adora nata."

© RMAC X-2001

7

1. Bases Matemáticas (6/34)

- Lógica -

■ Operadores lógicos ou Booleanos

– implicação entre duas proposições (*se então*)

- representa-se por " $A \Rightarrow B$ "
- lê-se "*A implica B*" ou "*se A então B*"
- nota: $A \Rightarrow B = \neg B \vee A$
- exemplo:

- "Se a chuva continuar, então o rio vai transbordar."

– equivalência entre duas proposições (*se e só se*)

- representa-se por " $A \Leftrightarrow B$ "
- lê-se "*A se e só se B*"
- nota: $A \Leftrightarrow B = (A \Rightarrow B) \wedge (B \Rightarrow A)$
- exemplo:

- "O rio vai transbordar se e só se a chuva continuar."

© RMAC X-2001

8

1. Bases Matemáticas (7/34)

- Lógica -

■ Prioridades dos operadores

1ª: proposições dentro de parêntesis, dos mais internos para os mais externos

2ª: negação \neg

3ª: conjunção \wedge

4ª: disjunção inclusiva \vee

5ª: disjunção exclusiva \oplus

6ª: implicação \Rightarrow

7ª: equivalência \Leftrightarrow

■ exemplo:

$$\neg A \Rightarrow B \wedge A \vee C \Leftrightarrow A \Rightarrow D \oplus B$$

=

$$((\neg A) \Rightarrow ((B \wedge A) \vee C)) \Leftrightarrow (A \Rightarrow (D \oplus B))$$

© RMAC X-2001

9

1. Bases Matemáticas (8/34)

- Lógica -

■ Propriedades (Álgebra de Boole)

- envolvimento: $\neg \neg A = A$

- elemento neutro: $A \vee F = A$ $A \wedge T = A$

- elemento absorvente: $A \vee T = T$ $A \wedge F = F$

- idempotência: $A \vee A = A$ $A \wedge A = A$

- terceiro excluído: $A \vee \neg A = T$ $A \wedge \neg A = F$

- comutativa: $A \vee B = B \vee A$ $A \wedge B = B \wedge A$

- associativa: $A \vee B \vee C = A \vee (B \vee C) = (A \vee B) \vee C$

$A \wedge B \wedge C = A \wedge (B \wedge C) = (A \wedge B) \wedge C$

- distributiva: $A \vee B \wedge C = (A \vee B) \wedge (A \vee C)$

$A \wedge (B \vee C) = (A \wedge B) \vee (A \wedge C)$

- absorção: $A \vee A \wedge B = A$ $A \wedge (A \vee B) = A$

$A \vee \neg A \wedge B = A \vee B$ $A \wedge (\neg A \vee B) = A \wedge B$

- terceiro incluído: $A \wedge B \vee B \wedge C \vee \neg A \wedge C = A \wedge B \vee \neg A \wedge C$

$(A \vee B) \wedge (B \vee C) \wedge (\neg A \vee C) = (A \vee B) \wedge (B \vee C) \wedge (\neg A \vee C)$

- De Morgan: $\neg (A \vee B) = \neg A \wedge \neg B$ $\neg (A \wedge B) = \neg A \vee \neg B$

© RMAC X-2001

10

1. Bases Matemáticas (9/34)

- Lógica -

■ Demonstração de propriedades (tabela de verdade)

$$\neg (A \wedge B) \equiv \neg A \vee \neg B$$

VARIÁVEIS		VALORES INTERMÉDIOS			VERIFICAÇÃO (1.º Membro = 2.º Membro)	
					1.º Membro	2.º Membro
A	B	$A \wedge B$	$\neg A$	$\neg B$	$\neg(A \wedge B)$	$\neg A \vee \neg B$
0	0	0	1	1	1	1
0	1	0	1	0	1	1
1	0	0	0	1	1	1
1	1	1	0	0	0	0

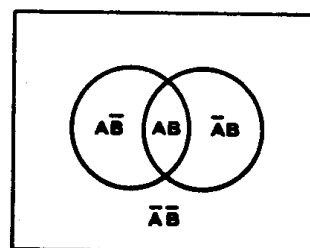
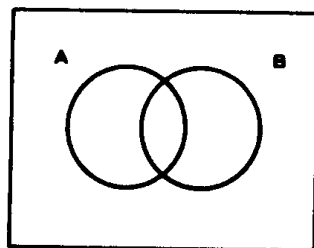
© RMAC X-2001

11

1. Bases Matemáticas (10/34)

- Lógica -

■ Demonstração de propriedades (diagrama de Venn)



© RMAC X-2001

12

1. Bases Matemáticas (11/34)

- Lógica -

■ Quantificadores

- universal
 - representa-se por " \forall "
 - lê-se "*para todo*", "*para todos*" ou "*para qualquer*"
- existencial
 - representa-se por " \exists "
 - lê-se "*existe um*", "*para pelo menos um*" ou "*para algum*"
- exemplo: $(\forall n \in \mathbb{N}) (\exists m \in \mathbb{N}) [m > n]$

© RMAC X-2001

13

1. Bases Matemáticas (12/34)

- Conjuntos -

■ Conjunto

- definição
 - uma colecção não ordenada de objectos não repetidos
 - normalmente, todos os elementos de um conjunto possuem uma mesma propriedade, para além de pertencerem ao mesmo conjunto
 - um conjunto vazio não possui nenhum elemento e representa-se por " \emptyset "
- representação
 - o conjunto representa-se com maiúsculas "A"
 - um elemento representa-se com minúsculas "a"
 - exemplo: $a \in A$
 - a enumeração dos elementos do conjunto exige a utilização de chavetas
 - exemplo: $S = \{1, 2, 3\}$

© RMAC X-2001

14

1. Bases Matemáticas (13/34)

- Conjuntos -

■ Operadores relacionais

- **pertença** \in
 - exemplo: $\{1, 2\} \in \{\{1\}, \{1, 2\}, \{1, 2, 3\}\}$
- **não pertença** \notin
 - exemplo: $1 \notin \{\{1\}, \{1, 2\}, \{1, 2, 3\}\}$
- **contido** \subset
 - exemplo: $\{0\} \subset \mathbb{N}$
- **não contido** $\not\subset$
 - exemplo: $\{-1\} \not\subset \mathbb{N}$
- **contém** \supset
 - exemplo: $\mathbb{N} \supset \{1, 3, 5\}$

© RMAC X-2001

15

1. Bases Matemáticas (14/34)

- Conjuntos -

■ Outros exemplos

- um elemento é diferente de um conjunto formado por esse elemento, ou seja: $1 \neq \{1\}$
- o conjunto vazio é diferente de um conjunto que contém somente o elemento conjunto vazio, ou seja: $\emptyset \neq \{\emptyset\}$
- num conjunto não há repetições a sua ordem de surgimento os elementos é irrelevante: $\{1, 2, 3, 3, 2, 1\} = \{1, 2, 3\} = \{2, 1, 3\} \dots$
- um conjunto pode ser descrito por extensão ou por compreensão
 $\mathbb{N} = \{0, 1, 2, \dots\}$ ou $\mathbb{N} = \{n \mid n \in \mathbb{Z} \wedge n \geq 0\}$

© RMAC X-2001

16

1. Bases Matemáticas (15/34)

- Conjuntos -

■ Operações em conjuntos

- intersecção \cap

$$A \cap B = \{x \mid x \in A \wedge x \in B\}$$

- nota: $A \cap B = \emptyset \Rightarrow A$ e B *disjuntos*

- união \cup

$$A \cup B = \{x \mid x \in A \vee x \in B\}$$

- complemento $/$ $'$

$$/A = A' = \{x \mid x \in U \wedge x \notin A\}$$

- diferença $-$

$$A - B = \{x \mid x \in A \wedge x \notin B\} = \{x \mid x \in A \wedge x \in /B\} = A \cap /B$$

- nota: $A - \emptyset = A$

© RMAC X-2001

17

1. Bases Matemáticas (16/34)

- Conjuntos -

■ Subconjunto de um conjunto

- A é um subconjunto de B se e só se todos os elementos pertencentes a A forem elementos de B , ou seja:

$$A \subseteq B \Leftrightarrow (\forall x) (x \in A \Rightarrow x \in B)$$

- nota: $A \subseteq B \Rightarrow (A \cap B = A) \wedge (A \cup B = B) \wedge (A - B = \emptyset)$

- A é um subconjunto próprio de B se e só se existe pelo menos um elemento de B que não é elemento de A , ou seja:

$$A \subset B \Leftrightarrow (\exists y) (y \in B \wedge y \notin A) \wedge (\forall x \neq y) (x \in A \Rightarrow x \in B)$$

■ Igualdade entre conjuntos

- dois conjuntos são iguais se e só se contêm os mesmos elementos, ou seja:

$$A = B \Leftrightarrow (\forall x) [(x \in A \Rightarrow x \in B) \wedge (x \in B \Rightarrow x \in A)] \Leftrightarrow (A \subseteq B) \wedge (B \subseteq A)$$

© RMAC X-2001

18

1. Bases Matemáticas (17/34)

- Conjuntos -

■ Conjunto potência

- o conjunto potência de A (ou conjunto de partes de A) é composto por todos os subconjuntos de A, pelo que conterá, pelo menos, \emptyset e o próprio A, ou seja: $P(A) = 2^A = \{x \mid x \subseteq A\}$

■ exemplo: $A = \{a, b\}$ $P(A) = \{\emptyset, \{a\}, \{b\}, A\}$

■ Cardinalidade e tamanho de um conjunto

- o número de elementos distintos de um conjunto finito A denota-se " $\#(A)$ " e designa-se "*tamanho* de A"
- quando o conjunto A é infinito, $\#(A)$ designa-se "*cardinalidade* de A"

■ exemplos: $A = \{1, 1, 2, 3\}$ $\#(A) = 3$

$$\#(\emptyset) = 0$$

$$\#(\mathbb{Z}) = \#(\mathbb{Q}) < \#(\mathbb{R})$$

■ nota: $\#(2^A) = 2^{\#(A)}$

© RMAC X-2001

19

1. Bases Matemáticas (18/34)

- Conjuntos -

■ Partição de um conjunto

- é uma família de subconjuntos de A, não vazios e disjuntos par a par, cuja união é igual a A, ou seja:

$$\Pi(A) = \{S_1, S_2, \dots\}, \text{ com } S_i \cap S_j = \emptyset \text{ e } \bigcup S_i = A$$

■ Túplo ordenado

- num túplo ordenado " (x, y) ", "x" é a primeira componente e "y" é a segunda
- quando o túplo possui unicamente 2 componentes designa-se de "par"
- num par ordenado a ordem das componentes é relevante

■ exemplos: (a, b) (a, c, d) (r, f, g, a)
 $(a, b) \neq (b, a)$ se $a \neq b$

© RMAC X-2001

20

1. Bases Matemáticas (19/34)

- Conjuntos -

■ Produto cartesiano

- o produto cartesiano de dois conjuntos A e B é o conjunto de todos os pares ordenados cujas primeiras componentes pertençam a A e as segundas a B , ou seja:

$$A \times B = \{(x, y) \mid x \in A \wedge y \in B\}$$

- $A \times A = A^2$
- A^n é o conjunto de todas as n -uplas (x_1, x_2, \dots, x_n) de elementos de A
- $N \times N = N^2$ é o conjunto de todos os pares de inteiros
- $N \times \{\text{vermelho, amarelo, verde}\}$ é o conjunto de todos os pares cuja primeira componente é um número natural e a segunda uma cor (ou vermelho, ou amarelo ou verde)

1. Bases Matemáticas (20/34)

- Conjuntos -

■ Teoremas

- envolvimento: $A \subseteq A$
- identidade: $A \cup \emptyset = A$ $A \cap U = A$
- absorção: $A \cup U = U$ $A \cap \emptyset = \emptyset$
- idempotência: $A \cup A = A$ $A \cap A = A$
- complemento: $A \cup A^c = U$ $A \cap A^c = \emptyset$
- comutativa: $A \cup B = B \cup A$ $A \cap B = B \cap A$
- associativa: $A \cup B \cup C = A \cup (B \cup C) = (A \cup B) \cup C$
 $A \cap B \cap C = A \cap (B \cap C) = (A \cap B) \cap C$
- distributiva: $A \cup (B \cap C) = (A \cup B) \cap (A \cup C)$
 $A \cap (B \cup C) = (A \cap B) \cup (A \cap C)$
- $(\forall A) (\emptyset \subseteq A)$
- $(A \subseteq B) \wedge (B \subseteq U) \Rightarrow A \subseteq U$
- $(A \subseteq B) \wedge (B \subset U) \Rightarrow A \subset U$
- $(A \subset B) \wedge (B \subset U) \Rightarrow A \subset U$

1. Bases Matemáticas (21/34)

- Sequências -

■ Sequência

– definição

- uma lista de objectos enumerados segundo uma ordenação
- uma lista pode ser definida
 - por enumeração $t = \langle a, b, c \rangle$
 - recursivamente $l[1] = 2 \wedge l[n] = 2 \times l[n-1]$ para $n \geq 2$

– representação

- a sequência representa-se com os sinais de maior e menor " $\langle \dots \rangle$ "
- "lista[k]" designa o k -ésimo objecto da sequência
- exemplos: $\langle a, b \rangle \neq \langle b, a \rangle$
 $\langle a, b \rangle \neq \langle a, b, b \rangle$
 $l = \langle a, b, c \rangle \quad l[2] = b$

© RMAC X-2001

23

1. Bases Matemáticas (22/34)

- Sequências -

■ Operadores

– comprimento *len*

- exemplos: $\text{len}(\langle \rangle) = 0$ $\text{len}(\langle b, a, t \rangle) = 3$

– índices *inds*

- exemplos: $\text{inds}(\langle \rangle) = \emptyset$ $\text{inds}(l) = \{1, \dots, \text{len}(l)\}$

– elementos *elems*

- $\text{elems}(l) = \{l[i] \mid i \in \text{inds}(l)\}$
- exemplo: $\text{elems}(\langle 1, 2, 1 \rangle) = \{1, 2\}$

– concatenação \wedge

- exemplo: $\langle a, b, c \rangle \wedge \langle a, b \rangle = \langle a, b, c, a, b \rangle$

© RMAC X-2001

24

1. Bases Matemáticas (23/34)

- Sequências -

■ Operadores

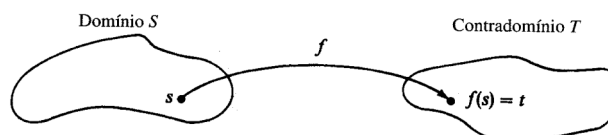
- inserção *cons*
 - exemplo: $\text{cons}(7, \langle 1, 2, 1 \rangle) = \langle 7, 1, 2, 1 \rangle$
- cabeça *head*
 - $\text{head}(\text{cons}(a, l)) = a$
 - exemplo: $l = \langle 1, 5, 3, 9 \rangle$ $\text{head}(l) = 1$
- cauda *tail*
 - $\text{tail}(\text{cons}(a, l)) = l$
 - exemplo: $l = \langle 1, 5, 3, 9 \rangle$ $\text{tail}(l) = \langle 5, 3, 9 \rangle$

1. Bases Matemáticas (24/34)

- Funções -

■ Função

- definição
 - sejam S e T conjuntos
 - uma *função* (ou *aplicação*) f de S em T , " $f: S \rightarrow T$ ", é um subconjunto de $S \times T$, onde cada elemento de S aparece exactamente uma única vez como primeiro componente de um par ordenado " (s, t) "
 - S é o *domínio* e T é o *contradomínio* da função
 - se (s, t) pertence à função, então
 - a variável dependente t é a *imagem*, " $t = f(s)$ ", de s por f
 - a variável independente s é o *objecto* de t por f



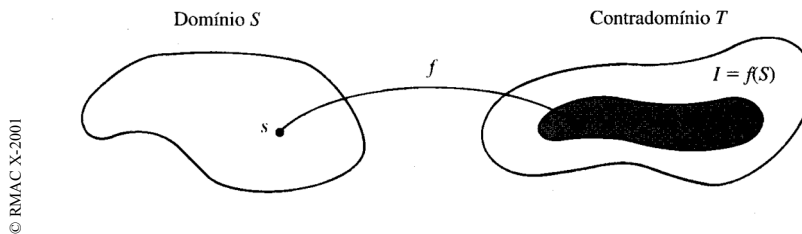
1. Bases Matemáticas (25/34)

- Funções -

■ Propriedades

– sobrejectividade

- o conjunto $I = \{f(s) \mid s \in S\}$, ou $I = f(S)$, de todas as imagens de $f: S \rightarrow T$ é o *conjunto imagem* da função f
- genericamente, $I \subseteq T$
- quando $I = T$, o conjunto imagem é igual ao contradomínio e função f é chamada sobrejectiva



27

1. Bases Matemáticas (26/34)

- Funções -

■ Propriedades

– injectividade

- uma função $f: S \rightarrow T$ é *injectiva* (ou *um-para-um*), se nenhum dos elementos de T for imagem por f de dois, ou mais, elementos distintos de S

– bijectividade

- uma função $f: S \rightarrow T$ é *bijectiva*, se for, simultaneamente, sobrejectiva e injectiva

– conjuntos equivalentes

- o conjunto S é equivalente ao conjunto T se existir uma bijecção $f: S \rightarrow T$
- dois conjuntos equivalentes possuem a mesma cardinalidade

– teorema de Cantor

- para qualquer conjunto A , A e $P(A)$ não são equivalentes

© RMAC X-2001

28

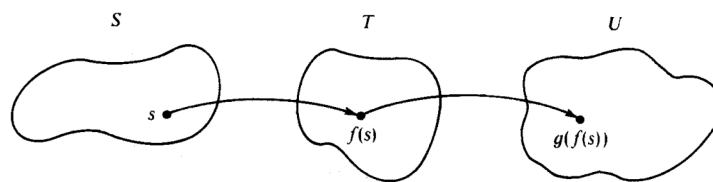
1. Bases Matemáticas (27/34)

- Funções -

■ Propriedades

– composição de funções

- seja $f: S \rightarrow T$ e $g: T \rightarrow U$
- a função composta $g \circ f$ é uma função de S em U definida por $(g \circ f)(s) = g(f(s))$



– teorema de composição de bijecções

- a composição de duas bijecções é uma bijecção

© RMAC X-2001

29

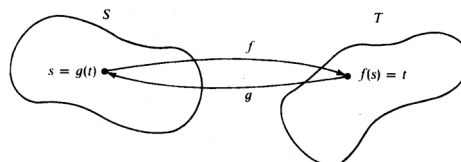
1. Bases Matemáticas (28/34)

- Funções -

■ Propriedades

– função inversa

- seja f uma função $f: S \rightarrow T$
- se existir uma função $g: T \rightarrow S$, tal que $g \circ f = i_S$ e $f \circ g = i_T$, então g é chamada de função inversa de f e denotada uma função de f^{-1}



– teorema de sobre bijecções e funções inversas

- seja $f: S \rightarrow T$
- f é uma bijecção se e só se f^{-1} existir

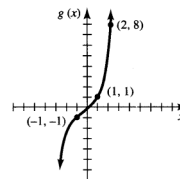
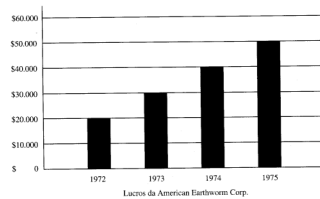
© RMAC X-2001

30

1. Bases Matemáticas (29/34)

- Funções -

■ Representação/descrição



$$f = \begin{pmatrix} 1 & 2 & 3 & 4 & 5 \\ 4 & 2 & 3 & 5 & 1 \end{pmatrix}$$

$$g(n) = \frac{\sum_{k=1}^n (4k-2)}{2}$$

“Seja S o conjunto de todas as cadeias de caracteres de tamanho fixo. Então a associação que relaciona a cada cadeia o número de caracteres que contém é uma função de domínio S e contradomínio N (é permitida a ‘cadeia vazia’, cujo número de caracteres é zero.)”

© RMAC X-2001

31

1. Bases Matemáticas (30/34)

- Funções -

■ Generalidades

— somatório

$$\sum_{i=1}^n f(i)$$

ex.:

$$\sum_{i=1}^5 i = 1 + 2 + 3 + 4 + 5 = 15$$

$$\sum_{i=1}^5 i = 1 + 3 + 5 = 9$$

— produtório

$$\prod_{i=1}^n f(i)$$

ex.:

$$\prod_{i=1}^5 i = 1 \times 2 \times 3 \times 4 \times 5 = 120$$

$$\prod_{i=1}^5 i = 2 \times 4 = 8$$

© RMAC X-2001

32

1. Bases Matemáticas (31/34)

- Funções -

■ Generalidades

– logarítmo

Seja $b \neq 1$ e $x \in \mathbb{R}^+$

$$\log_b x = y \Leftrightarrow b^y = x$$

Propriedades

$$\log_a (xy) = \log_a x + \log_a y$$

$$\log_a x^y = y \log_a x$$

$$\log_a x = \log_b x / \log_b a$$

– operador módulo

Seja $m \geq 0$ e $n > 0$ inteiros

$$m \bmod n = m - n \times (m \operatorname{div} n) \quad (\operatorname{div} \text{ é a divisão inteira})$$

1. Bases Matemáticas (32/34)

- Funções -

■ Generalidades

– valor absoluto

$$x \in \mathbb{R}$$

$$|x| = \begin{cases} x & \Leftarrow x \geq 0 \\ -x & \Leftarrow x < 0 \end{cases}$$

– factorial

Seja $n \in \mathbb{N}^+$

$$n! = \prod_{i=1}^n i$$

1. Bases Matemáticas (33/34)

- Funções -

■ Operadores (para funções com S e T discretos)

- imagem $()$
 - exemplo: $m = [a \mapsto 1, c \mapsto 3, d \mapsto 1]$ $m(d) = 1$
 $n = [b \mapsto 4, c \mapsto 5]$ $n(b) = 4$
- conjunto dos objectos dom
 - exemplo: $dom(m) = \{a, c, d\}$ $dom[] = \emptyset$
- conjunto das imagens ran
 - exemplo: $ran(m) = \{1, 3\}$ $ran[] = \emptyset$

© RMAC X-2001

35

1. Bases Matemáticas (34/34)

- Funções -

■ Operadores (para funções com S e T discretos)

- overwrite \dagger
 - exemplo: $m \dagger n = [a \mapsto 1, b \mapsto 4, c \mapsto 5, d \mapsto 1]$
 $n \dagger m = [a \mapsto 1, b \mapsto 4, c \mapsto 3, d \mapsto 1]$
- restrição $|$
 - exemplo: $\{a, d, e\} \mid m = [a \mapsto 1, d \mapsto 1]$
- remoção $-$
 - exemplo: $\{a, d, e\} - m = [c \mapsto 3]$

© RMAC X-2001

36



exercícios

I - Lógica

1. Negue a seguinte proposição:

"A Joana detesta manteiga ou adora nata."

2. Construa a tabela de verdade do operador lógico implicação.

3. Construa a tabela de verdade do operador lógico equivalência.

4. Sejam A, B e C as seguintes proposições:

A: As rosas são vermelhas.

B: As violetas são azuis.

C: O açúcar é doce.

Traduza as seguintes proposições compostas para notação simbólica:

a) As rosas são vermelhas e ou as violetas são azuis ou o açúcar é doce.

b) Sempre que as violetas são azuis, as rosas são vermelhas e o açúcar é doce.

c) As rosas são vermelhas apenas se as violetas não forem azuis e se o açúcar for azedo.

d) As rosas são vermelhas e se o açúcar for azedo, então as violetas não são azuis ou o açúcar é doce.

© RMAC X-2001

37



exercícios

II - Conjuntos

5. Utilize diagramas de Venn para demonstrar as seguintes equivalências:

a) $A \cap (B \cap C) = (A \cap B) \cap C$

b) $A \cup (B \cup C) = (A \cup B) \cup C$

6. Utilize transformações para demonstrar as seguintes equivalências:

a) $A \cup (B \cup A) = A \cup B$

b) $A \cup (B \cap C \cap A) = A$

7. Descreva cada um dos conjuntos:

a) $A = \{x \mid x \in \mathbb{N} \wedge (\forall y)(y \in \{2, 3, 4, 5\} \Rightarrow x \geq y)\}$

b) $B = \{x \mid (\exists y)(\exists z)(y \in \{1, 2\} \wedge z \in \{2, 3\} \wedge x = y + z)\}$

8. Para $A = \{1, 2, 3\}$, defina $P(A)$.

© RMAC X-2001

38



exercícios

III - Sequências

9. Sejam l e k duas sequências, com $l = \langle t, c, a \rangle$ e $k = \langle 33, 2, 50, 9, 9 \rangle$.
Complete as seguintes alíneas de modo a transformá-las em proposições verdadeiras:
- a) $\text{len}(k) = \dots$
 - b) $\text{inds}(l) \dots \text{inds}(k)$
 - c) $l[\dots] = t$
 - d) $\text{elems}(k) = \dots$
 - e) $l \wedge k = \dots$
 - f) $\text{cons}(a, \langle \text{cons}(t, \langle t, c, a \rangle) \rangle) = \dots$
 - g) $\text{head}(k) = \dots$
 - h) $\text{tail}(l) = \dots$



exercícios

III - Funções

10. Sejam f e g duas funções, com $f = [1 \mapsto abc, 2 \mapsto bcd, 3 \mapsto cde]$ e $g = [5 \mapsto 1, 2 \mapsto 20, 9 \mapsto bcd]$. Complete as seguintes alíneas de modo a transformá-las em proposições verdadeiras:
- a) $f(\dots) = g(\dots)$
 - b) $\text{dom}(f) = \dots$
 - c) $\text{ran}(g) = \dots$
 - d) $f \dagger g = \dots$
 - e) $(g \dagger f) \dagger g = \dots$
 - f) $\text{dom}(g) \mid f = \dots$
 - g) $\emptyset - g = \dots$

2. Modelos de Computação (1/24)

- autômato de estados finitos -

■ Máquinas computacionais

- uma descrição formal de uma máquina de processamento de informação deve ser independente da implementação física (hardware)
- deve existir somente uma descrição do tipo de operações internas realizadas pela máquina quando esta processa várias classes de informação recebida
- a abstracção das características de operação das máquinas de processamento permite obter um modelo que é, genericamente, chamado de *modelo computacional* ou *modelo de computação*

© RMAC X-2001

41

2. Modelos de Computação (2/24)

- autômato de estados finitos -

■ O exemplo da máquina de selos

- uma máquina distribuidora de selos de \$20 aceita moedas de
 - \$5 (designada simbolicamente por "c")
 - \$10 ("d")
 - \$20 ("v")
- a máquina dispõe de uma portinhola que, quando activada (aberta) , entrega o selo desejado ao utilizador
- a portinhola abre quando, pelo menos, \$20 são inseridos na máquina
- as moedas são inseridas na máquina pelo utilizador segundo uma certa sequência (m_i é a i -ésima moeda inserida)

© RMAC X-2001

42

2. Modelos de Computação (3/24)

- autômato de estados finitos -

■ Algoritmo da máquina de selos

1. ler m_1 ; se $m_1 = c$, então ir para 2, senão
se $m_1 = d$, então ir para 3, senão
se $m_1 = v$, então ir para 5
2. ler m_2 ; se $m_2 = c$, então ir para 3, senão
se $m_2 = d$, então ir para 4, senão
se $m_2 = v$, então ir para 5
3. ler m_3 ; se $m_3 = c$, então ir para 4, senão
se $m_3 = d$ ou se $m_3 = v$, então ir para 5
4. ler m_4 ; se $m_4 = c$ ou se $m_4 = d$ ou se $m_4 = v$, então ir para 5
5. se portinhola fechada, então abrir portinhola (fornecer selo)

© RMAC X-2001

43

2. Modelos de Computação (4/24)

- autômato de estados finitos -

■ Algoritmo da máquina de selos (cont.)

- cada passo do algoritmo representa uma dada configuração interna da máquina e que determina o tipo de operação a efectuar:
 - no passo 2, a máquina está à espera de receber mais \$15
 - no passo 5, a máquina fornece, finalmente, um selo
- o algoritmo apresentado não está completo, ou seja, não prevê todas as situações
 - não verifica a utilização de moedas diferentes de \$5, \$15 e \$20
 - não procede ao reinício da máquina para realizar a venda de um novo selo

© RMAC X-2001

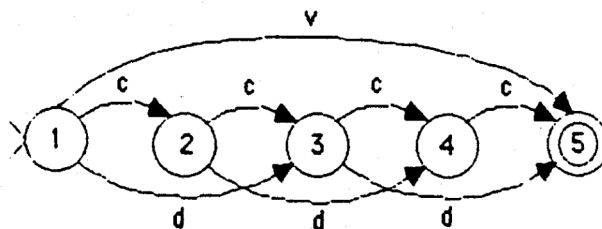
44

2. Modelos de Computação (5/24)

- autômato de estados finitos -

■ Diagrama de estados

- cada passo do algoritmo corresponde a um *estado de computação* ou *estado da máquina*
- o algoritmo como um todo (e, portanto, o funcionamento da máquina) pode ser descrito por uma sequência de estados computacionais representada por um diagrama de estados



© RMAC X-2001

45

2. Modelos de Computação (6/24)

- autômato de estados finitos -

■ Características da máquina de selos

- o algoritmo da máquina de selos possui leitura e saída de dados, teste de condições e saltos
- os dados de entrada são usados imediatamente depois de lidos
- a máquina não possui
 - memória, pelo que não dispõe de uma operação de atribuição (no passo 2, por exemplo, não é possível reutilizar o valor de m_1)
 - operação de paragem
- este modelo de computação é designado de *autômato de estados finitos* ou *autômato finito determinístico* (*finite-state machine: FSM*)

© RMAC X-2001

46

2. Modelos de Computação (7/24)

- autômato de estados finitos -

■ Definição de FSM

- $M = [S, I, O, f_s, f_o]$ é uma FSM se
 - S for um conjunto finito de estados (s_0 denota o estado inicial)
 - I for um conjunto finito de símbolos de entrada (o *alfabeto de entrada*)
 - O for o conjunto finito de símbolos de saída (o *alfabeto de saída*)
 - f_s e f_o forem funções onde
 - $f_s: S \times I \rightarrow S$ é a função do próximo estado
 - $f_o: S \rightarrow O$ é a função de saída
 - exemplo da máquina de selos:
 - $S = \{1, 2, 3, 4, 5\}$
 - $I = \{c, d, v\}$
 - $O = \{\text{abre_portinhola}\}$
 - $f_s = [(1, c) \rightarrow 2, (1, d) \rightarrow 3, (1, v) \rightarrow 5, (2, c) \rightarrow 3, \dots]$
 - $f_o = [5 \rightarrow \text{abre_portinhola}]$

© RMAC X-2001

47

2. Modelos de Computação (8/24)

- autômato de estados finitos -

■ Reconhecimento por FSMs

- a sequência de operações de uma FSM corresponde a um *processo computável*
- a computação de uma FSM tanto pode ser vista como o resultado (valor) obtido no estado final, como a classe de sequências de entrada aceitas pela máquina
- uma FSM M com alfabeto de entrada I reconhece ou aceita um subconjunto S de I^* se M , começando no estado s_0 e processando uma sequência de entrada α , terminar num estado final em que $\alpha \in S$
 - nota: I^* denota o conjunto de todas as cadeias de comprimento finito sobre o alfabeto de entrada I :
 - a sequência vazia (sequência sem símbolos), λ , pertence a I^*
 - qualquer elemento de I pertence a I^*
 - x^y pertence a I^* , se x e y forem sequências em I^*

© RMAC X-2001

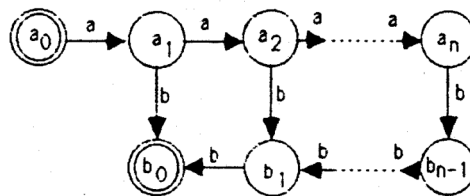
48

2. Modelos de Computação (9/24)

- autômato de estados finitos -

■ O exemplo do reconhecedor de $a^i b^j$, com $i \leq n$

- o diagrama seguinte retrata a FSM que aceita expressões regulares do tipo $a^i b^j$, com $i \leq n$, onde a^i denota a repetição i vezes do símbolo a
- o comprimento das sequências é limitado ($i \leq n$) pelo número de estados da máquina ($2.n+1$)



© RMAC X-2001

49

2. Modelos de Computação (10/24)

- autômato de estados finitos -

■ Expressão regular

- expressões regulares sobre I são
 - o símbolo \emptyset (define a linguagem vazia)
 - o símbolo λ (frase nula $\{\lambda\}$)
 - o símbolo i , $\forall i \in I$
 - se A e B forem expressões regulares, então também
 - a sequência AB (o mesmo que $A^{\wedge}B$)
 - a sequência $A+B$
 - a sequência A^*
- Exemplos de expressões regulares para $I = \{0, 1\}$:
 - $1^*0(01)^*$ representa qualquer número (incluindo nenhum) de 1s, seguido por um único 0, seguido por qualquer número (incluindo nenhum) de pares 01
 - $0+1^*$ representa um único 0 ou qualquer número de 1s
 - $11((10)^*11)^*(00)^*$ representa uma sequência não vazia de pares de 1s intercalados por qualquer número de pares 10, seguido por, pelo menos, um 0

© RMAC X-2001

50

2. Modelos de Computação (11/24)

- autômato de estados finitos -

■ Conjunto Regular

- qualquer conjunto representado por uma expressão regular de acordo com as regras seguintes é chamado de conjunto regular:
 - \emptyset representa o conjunto vazio
 - λ representa o conjunto $\{\lambda\}$ contendo a sequência vazia
 - i representa $\{i\}$
 - para as expressões regulares A e B
 - AB representa o conjunto de todos os elementos da forma concatenada $\alpha\beta$, com $\alpha \in A$ e $\beta \in B$
 - $A+B$ representa a união dos conjuntos A e B
 - A^* representa o conjunto de todas as concatenações dos elementos do conjunto A

© RMAC X-2001

51

2. Modelos de Computação (12/24)

- autômato de estados finitos -

■ Teorema de Kleene

- qualquer conjunto reconhecido por uma FSM é regular e qualquer conjunto regular pode ser reconhecido por uma FSM
- Notas:
 - o teorema de Kleene estabelece as limitações, bem como as capacidades das FSMs, pois nem todos os conjuntos são regulares e esses outros possuem elementos não reconhecíveis por FSMs
 - por exemplo, $S = \{ 0^i 1^i \mid i \geq 0 \}$ não é regular, pelo que, pelo teorema de Kleene, não existe nenhuma FSM capaz de reconhecer o conjunto S

© RMAC X-2001

52

2. Modelos de Computação (13/24)

- autômato de pilha -

■ O PDA como extensão das FSMs

- as capacidades das FSMs podem ser estendidas, se for lhes for adicionada memória que permita guardar leituras para operar num estado posterior
- esta extensão possui uma capacidade ilimitada de memória, gerida segundo o princípio FILO (*first in, last out*), ou seja, o primeiro símbolo guardado na memória é o último a sair
- esta memória é designada de *pilha* (*stack*) e é operada por duas instruções:
 - PUSH, que guarda um símbolo no topo da pilha
 - POP, que retira um símbolo do topo da pilha
- este modelo de computação é designado de *autômato de pilha determinístico* ou *máquina de stack* (*push-down automaton: PDA*)

© RMAC X-2001

53

2. Modelos de Computação (14/24)

- autômato de pilha -

■ Definição de PDA

- $M = [S, I, \Gamma, O, f_s, f_o]$ é um PDA se
 - S for um conjunto finito de estados (s_0 denota o estado inicial)
 - I for o alfabeto de entrada
 - $\Gamma \subset I$ for o conjunto finito de símbolos da pilha (alfabeto da pilha)
 - O for o alfabeto de saída
 - f_s e f_o forem funções onde
 - $f_s: S \times I \times \Gamma \rightarrow S \times \{\downarrow, \uparrow, \sqcup\}$ é a função do próximo estado
 - $f_o: S \rightarrow O$ é a função de saída
 - a computação de um PDA começa no estado inicial com a pilha vazia
 - uma sequência de entrada é aceite, se a máquina termina num estado final com a pilha vazia
 - se a pilha está vazia, o seu topo está ocupado com λ

© RMAC X-2001

54

2. Modelos de Computação (15/24)

- autômato de pilha -

■ Actuação sobre a pilha

– com $(q_i \wedge q_j) \in S \wedge x \in I \wedge (y \wedge z) \in \Gamma$:

- $f_s(q_i, x, y) = (q_j, z\downarrow)$ significa que no estado q_i com a entrada x e com o topo de pilha y , o PDA transita para o estado q_j e faz PUSH de z
- $f_s(q_i, x, y) = (q_j, y\uparrow)$ significa que no estado q_i com a entrada x e com o topo de pilha y , o PDA transita para o estado q_j e faz POP de y
- $f_s(q_i, x, y) = (q_j, =)$ significa que no estado q_i com a entrada x e com o topo de pilha y , o PDA transita para o estado q_j e deixa a pilha inalterada

© RMAC X-2001

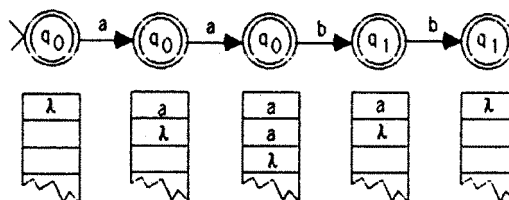
55

2. Modelos de Computação (16/24)

- autômato de pilha -

■ O exemplo do reconhecedor de $a^i b^j$, com $i \geq 0$

- $S = \{q_0, q_1, q_2\}$ $I = \{a, b\}$ $\Gamma = \{a\}$ $O = \{a\}$
- $f_s = [(q_0, a, \lambda) \mapsto (q_0, a\downarrow), (q_0, a, a) \mapsto (q_0, a\downarrow),$
 $(q_0, b, \lambda) \mapsto (q_2, =), (q_0, b, a) \mapsto (q_1, a\uparrow),$
 $(q_1, a, \lambda) \mapsto (q_2, =), (q_1, a, a) \mapsto (q_2, a\uparrow),$
 $(q_1, b, \lambda) \mapsto (q_2, =), (q_1, b, a) \mapsto (q_1, a\uparrow)]$



© RMAC X-2001

56

2. Modelos de Computação (17/24)

- máquina de Turing -

■ O modelo computacional MT (proposto por Alan Turing em 1936)

- para representar computacionalmente procedimentos algorítmicos mais gerais do que aqueles que podem ser modelados por FSMs e PDAs deve recorrer-se ao modelo computacional das máquinas de Turing (*Turing machines: MT*)
- uma MT é essencialmente uma FSM com
 - a habilidade de ler as suas entradas mais do que uma vez
 - a habilidade de apagar ou substituir os valores das suas entradas
 - uma memória auxiliar ilimitada
- uma MT com estas características consegue superar as limitações dos modelos computacionais precedentes (FSM e PDA), tornando-o no modelo que esteve por trás do projecto e desenvolvimento do "computador digital de programa armazenado" ainda utilizado actualmente

© RMAC X-2001

57

2. Modelos de Computação (18/24)

- máquina de Turing -

■ O modelo computacional MT (cont.)

- uma MT pode ser vista como um processador *P* acoplado a uma cabeça de leitura/escrita de símbolos numa fita que se estende infinitamente numa direcção (por exemplo, para a direita, tal como surge na figura)
- a memória é representada pela fita
- a deslocação da cabeça sobre a fita é efectuada mediante a indicação do sentido do movimento L (de *left*) ou R (de *right*)



© RMAC X-2001

58

2. Modelos de Computação (19/24)

- máquina de Turing -

■ Definição de MT

- $M = [S, I, \Gamma, f_s]$ é uma MT se
 - S for um conjunto finito de estados (s_0 denota o estado inicial)
 - $I \subset \Gamma - \{\lambda\}$ for o alfabeto de entrada
 - Γ for um conjunto finito de símbolos da fita (alfabeto da memória)
 - f_s for uma função $f_s: S \times \Gamma \rightarrow S \times \Gamma \times \{L, R, H\}$
 - o funcionamento de uma MT (transição da MT) é especificável fornecendo indicações para 3 acções
 - a passagem ao novo estado
 - a escrita de um símbolo
 - o deslocamento da cabeça
 - a transição de uma MT é caracterizada por instanciando valores a f_s
 $(q_i, x) = (q_j, z, op)$ com $(q_i \wedge q_j) \in S \wedge (x \wedge z) \in \Gamma \wedge op \in \{L, R, H\}$
 - exemplo:
 - na figura b) anterior efectuou-se $f_s(q_1, a) = (q_2, b, R)$, ou simplesmente (q_1, a, q_2, b, R)

© RMAC X-2001

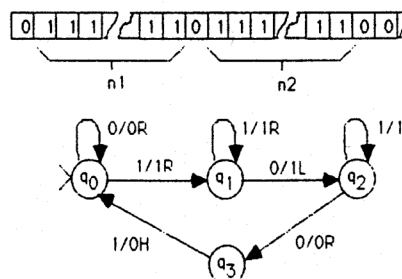
59

2. Modelos de Computação (20/24)

- máquina de Turing -

■ O exemplo do somador de dois números

q_i	x	q_j	z	op	Comentário
q_0	0	q_0	0	R	move \rightarrow
q_0	1	q_1	1	R	sobre n_1
q_1	1	q_1	1	R	até 0;
q_1	0	q_2	1	L	substitui por 1
q_2	1	q_2	1	L	e move \leftarrow
q_2	0	q_3	0	R	até início.
q_3	1	q_0	0	H	Remove 1 e pára



© RMAC X-2001

60

2. Modelos de Computação (21/24)

- máquina de Turing -

■ O modelo computacional MT revisitado

- é possível demonstrar que as várias extensões possíveis de uma MT (não-determinismo, transições espontâneas, várias fitas, etc.) não aumentam as suas capacidades computacionais
- foram desenvolvidos procedimentos específicos com vista a "construir" máquinas complexas à custa de MTs elementares
- tais máquinas, capazes de realizar computações já longe da trivialidade, têm contudo um equivalente MT satisfazendo a definição inicial
- neste contexto e perante um vasto conjunto de resultados teóricos, a comunidade científica aceita actualmente a chamada *tese de Church-Turing* (Church, 1936)

© RMAC X-2001

61

2. Modelos de Computação (22/24)

- máquina de Turing -

■ Tese de Church-Turing

- qualquer problema é resolúvel por um processo algorítmico se e só se for também resolúvel por uma máquina de Turing

■ Computabilidade

- uma função diz-se *computável* se puder ser avaliada numa MT para quaisquer dados válidos com um número finito de passos
- é possível mostrar que uma vastíssima classe de funções numéricas (designadas de recursivas) são computáveis
- a computacionalidade destas funções permite, na prática, a computação de qualquer problema algoritmizável, desde que previamente convertido num problema numérico através de codificação conveniente

© RMAC X-2001

62

2. Modelos de Computação (23/24)

- máquina de Turing -

■ MT universal

- a definição anteriormente apresentada para uma MT pressupõe uma computação fixa definida através da função f_s
- contudo, a tabela de transição de estados pode ser codificada e o código resultante (programa) constituir uma fita suplementar (fita #2) de uma MT
- neste cenário, num dado estado q_i a MT
 - lê os dados x da fita #1 (memória de dados)
 - lê o próximo estado q_j da fita #2 (memória de programa)
- esta MT programável e com duas fitas é designada por *máquina de Turing universal* e pode ser convertida numa MT convencional de uma só fita

© RMAC X-2001

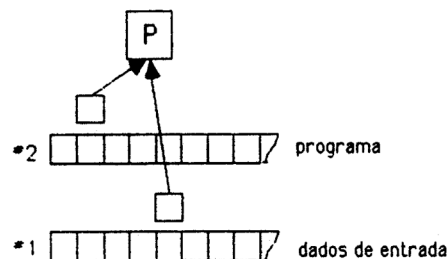
63

2. Modelos de Computação (24/24)

- máquina de Turing -

■ MT universal (cont.)

- a MT universal constitui o modelo abstracto de computação que vai suportar toda a abordagem aos algoritmos e à programação seguida na disciplina de Programação Estruturada



© RMAC X-2001

64

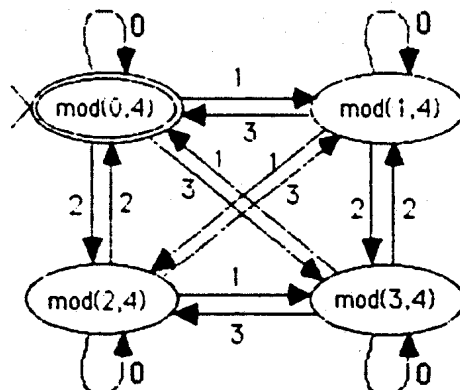
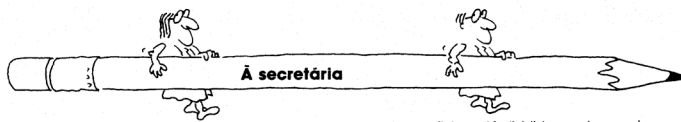


exercícios

1. Considere uma FSM que realiza a soma de módulo 4:
 - a) Arbitre os elementos pertencentes a I
 - b) Caracterize o conjunto S
 - c) Caracterize a função f_s
 - d) Desenhe o diagrama de estados da FSM
2. Construa uma FSM que calcule $x+1$, onde x é dado na forma binária, com o bit LBS primeiro.
3. Diga se as seqüências pertencem aos conjuntos regulares apresentados.
 - a) $01110111 \in (1*01)^*(11+0^*)$?
 - b) $11100111 \in [(1*0)^*+0*11]^*$?
 - c) $011100101 \in 01*10*(11*0)^*$?
 - d) $1000011 \in (10^*+11)^*(0*1)^*$?
4. Caracterize uma máquina de Turing que substitua, na fita, por 1s todos os 0s e por 0s todos os 1s, de uma seqüência constituída por 0s e 1s.

© RMAC X-2001

65



© RMAC X-2001

66

3. Linguagens e Gramáticas (1/25)

■ Considerações sobre linguagens

- uma linguagem não admite todas as combinações possíveis dos vocábulos (símbolos do seu alfabeto)
- apenas certas combinações é que dão origem a frases válidas
- a linguagem é vulgarmente um conjunto infinito, o que torna a sua enumeração impossível
- para definir uma linguagem é necessário
 - estabelecer qual o alfabeto a usar
 - indicar as regras que restringem as combinações possíveis àquelas que, de facto, serão frases correctas e que se dividem, tipicamente, em dois conjuntos: as regras *sintácticas* e as *semânticas*

© RMAC X-2001

67

3. Linguagens e Gramáticas (2/25)

■ Regras sintácticas

- definem as formas correctas, estabelecendo as combinações, ou agrupamentos, de símbolos possíveis
- preocupam-se com a estrutura das frases, actuando ao nível das intenções
- indicam, por exemplo, que símbolos devem ser usados e porque ordem devem ser escritos, quando, num programa para computador, se quer
 - atribuir o valor de uma expressão a uma variável
 - ordenar a repetição de um bloco de instruções

© RMAC X-2001

68

3. Linguagens e Gramáticas (3/25)

■ Regras semânticas

- definem as condições que têm que ser respeitadas pelos símbolos para que as frases sintacticamente correctas façam sentido, i.e., para que seja possível interpretá-las (compreender e executar a sua mensagem)
- preocupam-se com o significado das frases (o seu conteúdo semântico), indicando como é que essas frases serão interpretadas, trabalhando ao nível dos valores intrínsecos dos símbolos ou aferíveis a partir deles
- o significado é a informação contida numa frase e é aquilo que realmente interessa conhecer para que a comunicação entre dois agentes tenha algum efeito prático

© RMAC X-2001

69

3. Linguagens e Gramáticas (4/25)

■ Sintaxe vs. semântica

- “Os carneiros falam muito alto.”
 - o significado pode surpreender, uma vez que a sua *semântica* parece pouco adequada (os carneiros não falam!)
 - a forma é perfeitamente aceitável, uma vez que a sua *sintaxe* é válida na língua portuguesa, ou seja, as várias partes que a compõem (substantivos, verbos, etc.) estão encadeados de maneira correcta
- “Alto carneiro os falam.”
 - o significado é incompreensível, uma vez que a forma como a frase foi escrita viola as regras sintácticas
 - a violação de sintaxe, por combinação “ilegal” das palavras que a compõem (mas também poderia ter sido por utilização de palavras inexistentes), põe em causa a compreensão do seu significado (semântica)

© RMAC X-2001

70

3. Linguagens e Gramáticas (5/25)

■ Linguagens naturais

- nas linguagens naturais (línguas faladas no dia-a-dia pelos povos) as frases pertencem à linguagem por razões *de facto*, i.e., porque as pessoas as usam assim mesmo na sua comunicação quotidiana
- as regras surgem, então, posteriormente com o intuito de sistematizar e ensinar futuramente a linguagem e organizar (estruturar) essas frases
- é frequente ter de se recorrer à enumeração de excepções para cobrir toda a linguagem natural

3. Linguagens e Gramáticas (6/25)

■ Linguagens artificiais

- nas linguagens artificiais (aquelas que são criadas com o propósito de suportar a comunicação homem/máquina) só começam a ser usadas depois de o vocabulário ter sido escolhido e de as regras sintácticas e semânticas terem sido estabelecidas
- quando essas regras são apresentadas rigorosamente, através do recurso a formalismos apropriados, a linguagem artificial diz-se *formal*
- as regras que definem as linguagens artificiais são pensadas de modo a garantir a *não ambiguidade* dessas linguagens, ou seja, a existência de uma única interpretação possível para cada frase válida

3. Linguagens e Gramáticas (7/25)

■ Definição de alfabeto

- um **alfabeto** A é um conjunto finito não vazio de símbolos
 - nota: uma **palavra** sobre A é uma sequência de comprimento finito de símbolos de A , vulgarmente designada por **cadeia de caracteres** (*string*)
- exemplos:
 - o conjunto de palavras da língua portuguesa listadas num dicionário constitui o alfabeto da língua portuguesa
 - o conjunto $A = \{0, 1\}$ constitui o alfabeto binário

© RMAC X-2001

73

3. Linguagens e Gramáticas (8/25)

■ Definição de frase

- uma **frase** é uma sequência finita de palavras de um alfabeto A , ou seja, é uma cadeia de caracteres composta
- exemplos:
 - as palavras “processadores”, “de” e “linguagens” fazem parte do alfabeto da língua portuguesa
 - “processadores de linguagens” é uma frase à luz do alfabeto da língua portuguesa

■ Definição de linguagem

- uma **linguagem** L sobre A é um qualquer subconjunto de A^*
- $L \subset A^*$
 - nota: A^* denota o conjunto de todas as cadeias de caracteres compostas (frases) que se podem construir com o alfabeto A

© RMAC X-2001

74

3. Linguagens e Gramáticas (9/25)

■ Gramática

- as cadeias de caracteres compostas (frases) da linguagem L obedecem a um certo conjunto de regras que constituem a *gramática* da linguagem

■ Exemplo:

<frase> → <sujeito> <predicado>

<sujeito> → <determinante> <substantivo>

<predicado> → <verbo> <advérbio>

<frase> → <sujeito> <predicado>

→ <determinante> <substantivo> <predicado>

→ *Os* <substantivo> <predicado>

→ *Os carneiros* <predicado>

→ *Os carneiros* <verbo> <advérbio>

→ *Os carneiros falam* <advérbio>

→ *Os carneiros falam alto*

© RMAC X-2001

75

3. Linguagens e Gramáticas (10/25)

■ Definição de gramática

- $G = [V_T, V_N, S, P]$ é uma gramática se

- V_T for um conjunto finito, não vazio, de símbolos designados de *terminais* (ou *palavras*) que constituem o alfabeto da linguagem (V_T também é designado de *léxico* da linguagem)

- V_N for um conjunto finito, não vazio, de símbolos designados de *não-terminais* que representam classes de elementos de V_T (classes sintáticas) não pertencentes a V_T ou seja, $V_T \cap V_N = \emptyset$

- os não-terminais são, tipicamente, representados ou em maiúsculas, ou em negrito (*bold*), ou entre "<" e ">"

- $V = V_T \cup V_N$ é chamado *vocabulário* da linguagem L

- $S \in V_N$, sendo designado de *símbolo inicial*

© RMAC X-2001

76

3. Linguagens e Gramáticas (11/25)

■ Definição de gramática (cont.)

– $G = [V_T, V_N, S, P]$ é uma gramática se

- P for um conjunto finito de pares (α, β) designados de *regras de produção* (ou *regras de reescrita*, ou *regras sintáticas*) representados na forma $\alpha \rightarrow \beta$, com $\alpha \in V^+ \wedge \beta \in V^*$ e significando que numa sequência de símbolos em que apareça α pode substituir-se α por β

– $\alpha \rightarrow \beta$ lê-se “ α produz β ”, ou “ α pode ser substituído por β ”, ou “ β deriva de α ”

■ Notas:

- um elemento $v \in V^*$ derivável de S por aplicação das regras de produção P chama-se *forma sentencial*
- uma linguagem L com gramática G denota-se $L(G)$ e constitui o conjunto de todas as formas sentenciais deriváveis por G

© RMAC X-2001

77

3. Linguagens e Gramáticas (12/25)

■ Exemplo da gramática $G1$

- $V_T = \{o, a, \text{Luís}, \text{Carlos}, \text{cão}, \text{canção}, \text{canta}, \text{segura}, \text{bem}, \text{mal}\}$
- $V_N = \{\langle \text{frase} \rangle, \langle \text{sujeito} \rangle, \langle \text{predicado} \rangle, \langle \text{determinante} \rangle, \langle \text{substantivo} \rangle, \langle \text{verbo} \rangle, \langle \text{advérbio} \rangle\}$
- $S = \langle \text{frase} \rangle$
- $P = \{\langle \text{frase} \rangle \rightarrow \langle \text{sujeito} \rangle \langle \text{predicado} \rangle, \langle \text{sujeito} \rangle \rightarrow \langle \text{determinante} \rangle \langle \text{substantivo} \rangle, \langle \text{sujeito} \rangle \rightarrow \langle \text{substantivo} \rangle, \langle \text{predicado} \rangle \rightarrow \langle \text{verbo} \rangle \langle \text{advérbio} \rangle, \langle \text{determinante} \rangle \rightarrow o, \langle \text{determinante} \rangle \rightarrow a, \langle \text{substantivo} \rangle \rightarrow \text{Luís}, \langle \text{substantivo} \rangle \rightarrow \text{Carlos}, \langle \text{substantivo} \rangle \rightarrow \text{cão}, \langle \text{substantivo} \rangle \rightarrow \text{canção}, \langle \text{verbo} \rangle \rightarrow \text{canta}, \langle \text{verbo} \rangle \rightarrow \text{segura}, \langle \text{advérbio} \rangle \rightarrow \text{bem}, \langle \text{advérbio} \rangle \rightarrow \text{mal}\}$
- “cão segura o canção bem” $\in L(G1)$, mas semanticamente inaceitável (sem sentido)

© RMAC X-2001

78

3. Linguagens e Gramáticas (13/25)

■ Exemplo da gramática G_2

- $V_T = \{ (,), i, j, +, * \}$
- $V_N = \{ E, T \}$
- $S = E$
- $P = \{ E \rightarrow T \mid E + T \mid E * T, T \rightarrow (E) \mid i \mid j \}$
- nota: " $\alpha \rightarrow \beta_1 \mid \beta_2 \mid \dots \mid \beta_n$ " significa " $\alpha \rightarrow \beta_1, \alpha \rightarrow \beta_2, \dots, \alpha \rightarrow \beta_n$ "
o símbolo " \mid " lê-se "ou"
- G_2 é *recursiva*, porque possui um mesmo não-terminal em ambos os membros de uma produção
- uma gramática com produções recursivas dá origem a uma linguagem *infinita*, i.e., possui um número ilimitado de frases
- $(i * j + i) * i \in L(G_2)$
- $i * (j + (i + j)) \notin L(G_2)$

© RMAC X-2001

79

3. Linguagens e Gramáticas (14/25)

■ Exemplo da gramática G_3

- $V_T = \{ a, b, c \}$
- $V_N = \{ S, A, B \}$
- $S = S$
- $P = \{ S \rightarrow Ac \mid aB, A \rightarrow ab, B \rightarrow bc \}$
- a cadeia de caracteres "abc" pode ser gerada de dois modos distintos:
 $S \rightarrow Ac$
 $\rightarrow abc$
ou
 $S \rightarrow aB$
 $\rightarrow abc$
- G_3 é uma gramática *ambígua*

© RMAC X-2001

80

3. Linguagens e Gramáticas (15/25)

■ Linguagem gerada por uma gramática

- seja G uma gramática $G = [V_T, V_N, S, P]$ e sejam w_1 e w_2 palavras sobre V
 - se $\alpha \rightarrow \beta$ for uma produção de G , se w_1 contiver uma cópia de α e se w_2 for obtido de w_1 através da substituição de α por β , então w_1 gera (deriva) directamente w_2 , denotando-se $w_1 \Rightarrow w_2$
 - se w_1, w_2, \dots, w_n forem palavras sobre V e se $w_1 \Rightarrow w_2 \wedge w_2 \Rightarrow w_3 \wedge \dots \wedge w_{n-1} \Rightarrow w_n$ então w_1 gera (deriva) w_n , denotando-se $w_1 \Rightarrow^* w_n$
 - por convenção, $w_1 \Rightarrow^* w_1$
- dada uma gramática G , a linguagem L gerada por G , denotada $L(G)$, é o conjunto $L = \{w \in V_T^* \mid S \Rightarrow^* w\}$, ou seja, L é o conjunto de todas as cadeias de terminais geradas a partir do símbolo inicial

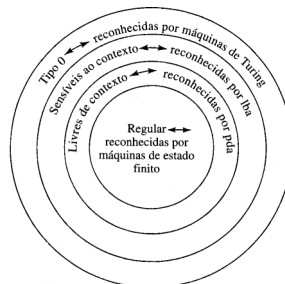
© RMAC X-2001

81

3. Linguagens e Gramáticas (16/25)

■ Hierarquia de Chomsky

- é possível obter vários tipos de gramáticas tendo em conta as restrições impostas às regras de produção
- as linguagens podem ser igualmente catalogadas, tendo em conta o tipo de gramática que as geram



© RMAC X-2001

82

3. Linguagens e Gramáticas (17/25)

■ Tipo 0: gramáticas irrestritas

- as gramáticas do tipo 0 correspondem à definição de gramática apresentada anteriormente
- as linguagens geradas por gramáticas do tipo 0 correspondem a classes de sequências aceitas por máquinas de Turing
- para cada gramática de tipo 0 é possível encontrar uma MT que implementa a gramática, no sentido em que aceita as frases da linguagem por ela gerada

3. Linguagens e Gramáticas (18/25)

■ Tipo 1: gramáticas sensíveis ao contexto

- as gramáticas do tipo 1, relativamente às tipo 0, possuem a seguinte restrição $\alpha \rightarrow \beta$, com $\alpha, \beta \in V^+ \wedge |\alpha| \leq |\beta|$
- as produções de uma gramática do tipo 1 geram sequências de comprimento não decrescente
- as regras de produção são da forma $\alpha a \beta \rightarrow \alpha v \beta$, com $a \in V_N \wedge \alpha, \beta \in V^* \wedge v \in V^+$
- a é substituível por v no contexto $\alpha\beta$
- as linguagens geradas por gramáticas do tipo 1 são reconhecidas por *autômatos linearmente limitados* (*linear bounded automaton: LBA*) que são máquinas de Turing que aceitam o conjunto de todas as entradas para as quais existe alguma sequência de movimentos que as façam parar em algum estado

3. Linguagens e Gramáticas (19/25)

■ Tipo 2: gramáticas independentes de contexto

- as gramáticas do tipo 2, relativamente às tipo 0, possuem a seguinte restrição $\alpha \rightarrow \beta$, com $\alpha \in V_N \wedge \beta \in V^*$
- no lado esquerdo das regras de produção só aparecem não-terminais, ou seja, a substituição de um não-terminal não depende do contexto
- as linguagens geradas por gramáticas do tipo 2 são reconhecidas por autómatos de pilha
- as linguagens do tipo 2 são importantes por 3 razões
 - são de relativa simplicidade, uma vez que só permitem a substituição de um símbolo de cada vez
 - diversas linguagens de programação podem ser descritas através de gramáticas do tipo 2
 - as sequências de produções podem ser representadas graficamente recorrendo a uma *árvore sintáctica* ou *de análise (parsing tree)*

© RMAC X-2001

85

3. Linguagens e Gramáticas (20/25)

■ Exemplo de gramática do tipo 2

- a geração de identificadores numa linguagem de programação pode ser representada por uma gramática do tipo 2

```
<identificador> → <letra>
<identificador> → <identificador> <letra>
<identificador> → <identificador> <dígito>
<letra> → a
<letra> → b
...
<letra> → z
<dígito> → 0
<dígito> → 1
...
<dígito> → 9
```

© RMAC X-2001

86

3. Linguagens e Gramáticas (21/25)

■ Exemplo de gramática do tipo 2 (cont.)

- a palavra “d2q” pode ser derivada da seguinte maneira

$\langle \text{identificador} \rangle \rightarrow \langle \text{identificador} \rangle \langle \text{letra} \rangle$
 $\rightarrow \langle \text{identificador} \rangle \langle \text{dígito} \rangle \langle \text{letra} \rangle$
 $\rightarrow \langle \text{letra} \rangle \langle \text{dígito} \rangle \langle \text{letra} \rangle$
 $\rightarrow d \langle \text{dígito} \rangle \langle \text{letra} \rangle$
 $\rightarrow d 2 \langle \text{letra} \rangle$
 $\rightarrow d 2 q$

- esta derivação pode ser representada recorrendo a uma *parsing tree*

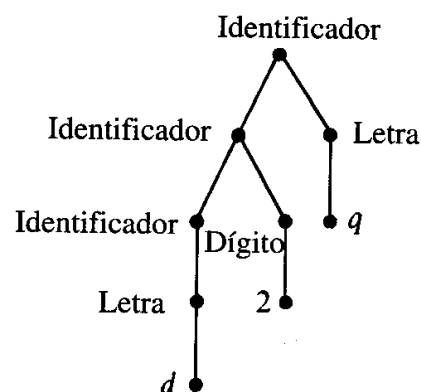
- é um gráfico orientado em que cada nodo representa uma forma sentencial a partir da qual se obtém, de cima para baixo, as formas sentenciais derivadas
- a raiz é o símbolo inicial

© RMAC X-2001

87

3. Linguagens e Gramáticas (22/25)

■ Exemplo de gramática do tipo 2 (cont.)



© RMAC X-2001

88

3. Linguagens e Gramáticas (23/25)

■ Tipo 3: gramáticas regulares

- as gramáticas do tipo 3, relativamente às tipo 0, possuem a seguinte restrição $\alpha \rightarrow a\beta \mid a \mid \lambda$, com $\alpha, \beta \in V_N \wedge a \in V_T$
- as formas sentenciais nas gramáticas do tipo 3 contêm, no máximo, um só não-terminal do lado direito da produção
- cada regra de produção contribui para juntar um terminal
- as linguagens geradas por gramáticas do tipo 3 são reconhecidas por autómatos de estados finitos

3. Linguagens e Gramáticas (24/25)

■ A meta-linguagem BNF (*Backus Naur Form*)

- nas descrições anteriores de gramáticas, utilizaram-se vários símbolos e algumas convenções/regras que constituem uma linguagem para descrever linguagens, ou seja, uma *metalinguagem*
- a descrição da linguagem *Algol60* foi realizada por *John Bakus* e por *Peter Naur*, em 1959, recorrendo a notações especiais de descrição que, mais tarde, vieram a designar-se *formas de Backus Naur*, ou *formas normais de Bakus*, ou simplesmente *notação BNF*
- Exemplo:

```
<identificador> ::= <letra> | <identificador> <letra> |  
                    <identificador> <dígito>  
<letra> ::= a | b | ... | z  
<dígito> ::= 0 | 1 | ... | 9
```

3. Linguagens e Gramáticas (25/25)

■ Regras BNF

- $::=$ é o símbolo de produção
- $|$ é o símbolo de alternativa
- $\langle string \rangle$ designa um não-terminal

■ Regras EBNF (*extended* BNF) ou ABNF (*augmented* BNF)

- $()$ permite a factorização
 - $\langle \text{identificador} \rangle ::= \langle \text{letra} \rangle | \langle \text{identificador} \rangle (\langle \text{letra} \rangle | \langle \text{dígito} \rangle)$
- $\{ \}$ permite a iteração de zero ou mais vezes
 - $\langle \text{identificador} \rangle ::= \langle \text{letra} \rangle \{ \langle \text{letra} \rangle | \langle \text{dígito} \rangle \}$
- $[]$ permite especificar opcionalidade
 - $\langle a \rangle ::= ST | SBT | SZT$ é equivalente a $\langle a \rangle ::= S [B | Z] T$

© RMAC X-2001

91



exercícios

I - Gramáticas

1. Considere um gramática G com $V_T = \{0, 1\}$, $V_N = \{S\}$ e $P = \{S \rightarrow 0S, S \rightarrow 1\}$.
Mostre que $00S \Rightarrow^* 00000S$.
2. Seja $L = \{a^n b^n c^n; n \geq 1\}$. Uma possível gramática G que gera L possui
 $V_T = \{a, b, c\}$, $V_N = \{S, B, C\}$ e
 $P = \{S \rightarrow aSBC, S \rightarrow aBC, CB \rightarrow BC, aB \rightarrow ab, bB \rightarrow bb, bC \rightarrow bc, cC \rightarrow cc\}$.
Derive $a^2 b^2 c^2$.
3. Considere as seguintes três gramáticas:
 - $G1$ com $V_T = \{0\}$, $V_N = \{S, A, B\}$ e $P = \{S \rightarrow \lambda, S \rightarrow ABA, AB \rightarrow 00, 0A \rightarrow 000A, A \rightarrow 0\}$
 - $G2$ com $V_T = \{0\}$, $V_N = \{S, A\}$ e $P = \{S \rightarrow \lambda, S \rightarrow 00A, A \rightarrow 00A, A \rightarrow 0\}$
 - $G3$ com $V_T = \{0\}$, $V_N = \{S, A, B, C\}$ e
 $P = \{S \rightarrow \lambda, S \rightarrow 0A, A \rightarrow 0B, B \rightarrow 0, B \rightarrow 0C, B \rightarrow 0B\}$
 - a) Mostre que as três gramáticas são capazes de gerar a linguagem L que consiste numa cadeia vazia λ , juntamente com o conjunto de todas as cadeias compostas por um número ímpar n de 0s, com $n \geq 3$.
 - b) Mostre que, apesar das três linguagens serem equivalentes, pertencem a classes distintas, uma vez que $G1$ é do tipo 1, $G2$ é do tipo 2 e $G3$ é do tipo 3.

© RMAC X-2001

92



exercícios

II - BNF

4. Considere o seguinte conjunto de produções em BNF:

$\langle \text{expr} \rangle ::= \langle \text{expr} \rangle + \langle \text{expr} \rangle \mid \langle \text{expr} \rangle - \langle \text{expr} \rangle \mid \langle \text{expr} \rangle * \langle \text{expr} \rangle \mid$
 $(\langle \text{expr} \rangle) \mid \langle \text{constante} \rangle$

$\langle \text{constante} \rangle ::= \langle \text{dígito} \rangle \mid \langle \text{constante} \rangle \langle \text{dígito} \rangle$

$\langle \text{dígito} \rangle ::= 0 \mid 1 \mid 2 \mid 3 \mid 4 \mid 5 \mid 6 \mid 7 \mid 8 \mid 9$

Derive $(1 + 3) * 4$.

5. Recorrendo ao operador de iteração do BNF estendido escreva a produção de

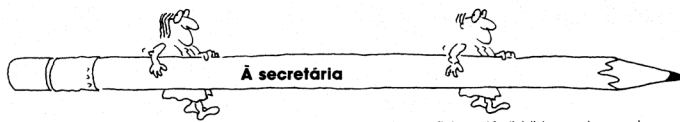
a) constantes inteiras.

b) expressões aritméticas simples.

6. Recorrendo ao operador de opcionalidade do BNF estendido escreva a produção de um endereço postal.

© RMAC X-2001

93



5. a) $\langle \text{constante} \rangle ::= \langle \text{dígito} \rangle \{ \langle \text{dígito} \rangle \}$

$\langle \text{dígito} \rangle ::= 0 \mid 1 \mid 2 \mid 3 \mid 4 \mid 5 \mid 6 \mid 7 \mid 8 \mid 9$

5. b) $\langle \text{expr} \rangle ::= \langle \text{termo} \rangle \{ + \langle \text{termo} \rangle \mid - \langle \text{termo} \rangle \}$

$\langle \text{termo} \rangle ::= \langle \text{factor} \rangle \{ * \langle \text{factor} \rangle \}$

$\langle \text{factor} \rangle ::= \langle \text{constante} \rangle \mid (\langle \text{expr} \rangle)$

$\langle \text{constante} \rangle ::= \langle \text{dígito} \rangle \{ \langle \text{dígito} \rangle \}$

$\langle \text{dígito} \rangle ::= 0 \mid 1 \mid 2 \mid 3 \mid 4 \mid 5 \mid 6 \mid 7 \mid 8 \mid 9$

6. $\langle \text{endereco_postal} \rangle ::= \langle \text{nome} \rangle \langle \text{rua} \rangle \langle \text{codigo_postal} \rangle [\langle \text{país} \rangle]$

$\langle \text{nome} \rangle ::= \langle \text{nome_proprio} \rangle \langle \text{apelido} \rangle \mid \langle \text{nome_proprio} \rangle \langle \text{nome} \rangle$

$\langle \text{nome_proprio} \rangle ::= \langle \text{nome} \rangle \mid \langle \text{inicial} \rangle$

$\langle \text{rua} \rangle ::= \langle \text{nome_da_rua} \rangle \langle \text{numero_de_polícia} \rangle [\langle \text{andar} \rangle]$

$\langle \text{codigo_postal} \rangle ::= \langle \text{codigo} \rangle \langle \text{localidade} \rangle$

© RMAC X-2001

94

4. Processamento de Linguagens (1/15)

■ Processador para uma linguagem

- seja $L(G)$ a linguagem gerada por uma gramática G ; um processador para essa linguagem $P[L(G)]$ é um programa que, tendo conhecimento da gramática G
 - lê um texto (sequência de caracteres)
 - verifica se esse texto é uma frase válida de $L(G)$
 - executa uma acção qualquer em função do significado da frase reconhecida
- esta definição é muito genérica, no entanto, todos os programas que sejam considerados processadores de linguagens são constituídos por dois módulos:
 - o módulo de *análise* que executa o reconhecimento do significado do texto fonte
 - o módulo de *síntese* que reage ao significado identificado, produzindo um determinado resultado

© RMAC X-2001

95

4. Processamento de Linguagens (2/15)

■ Módulo de análise

- *análise léxica*, responsável pela leitura sequencial dos caracteres que formam o texto fonte, pela sua separação em palavras e pelo reconhecimento dos vocábulos (símbolos terminais) representados por cada palavra
- *análise sintáctica*, encarregue de agrupar os símbolos terminais, verificando se formam uma frase sintacticamente correcta, i.e., composta de acordo com as regras sintáticas da linguagem
- *análise semântica*, destinada a verificar se as regras semânticas da linguagem são satisfeitas e a calcular os valores aos símbolos, de modo a poder conhecer-se o significado completo da frase
- nota: os erros lexicais e sintáticos ("*bohr-errors*") são imediatamente detectados durante a tradução (*compile time*), enquanto que os erros semânticos ("*heisen-errors*") só são conhecidos durante a execução do programa (*run time*)

© RMAC X-2001

96

4. Processamento de Linguagens (3/15)

■ Exemplos de processadores de linguagens

- **assembladores (*assemblers*)**, que traduzem linguagens de programação de baixo nível formadas por menmónicas (linguagem *assembly*) para código máquina (binário)
- **compiladores (*compilers*)**, que traduzem linguagens de programação de alto nível para código máquina
- **interpretadores (*interpreters*)**, que executam os programas logo após o seu reconhecimento, i.e., em vez traduzirem os programas para uma linguagem de baixo nível, realizam acções
- **tradutores em geral**, que transformam textos escritos numa linguagem qualquer para outra linguagem qualquer

© RMAC X-2001

97

4. Processamento de Linguagens (4/15)

■ Exemplos de processadores de linguagens (cont.)

- **carregadores (*loaders*)**, que reconhecem descrições de dados e carregam essa informação para bases de dados, ou para estruturas de dados em memória central
- **pesquisadores**, que reconhecem questões e pesquisam em bases de dados para mostrarem as respostas encontradas
- **filtros**, que reproduzem à saída o texto que receberam à entrada, depois de lhe retirarem, expandirem ou transformarem certas palavras (ou blocos)
- **processadores de documentos**, usados para diversos tipos de manipulações, tais como a formatação ou a extracção de conhecimento em documentos anotados

© RMAC X-2001

98

4. Processamento de Linguagens (5/15)

■ Compiladores

- processadores de linguagens **construídos propositadamente para reconhecer programas escritos numa linguagem de alto nível para os traduzir para código máquina (ou código binário), que é uma linguagem de baixo nível directamente reconhecida e executada por um determinado processador**
- no caso particular em que o compilador aceita um texto escrito numa linguagem de alto nível e produz um texto escrito noutra linguagem de alto nível, o compilador é designado de **transcompilador (cross-compiler)**
- tipicamente, os primeiros compiladores de linguagens de alto nível costumam ser implementados através de tradutores (transcompiladores) para outras linguagens de alto nível para os quais já existem compiladores
 - o primeiro compilador de *C++* era um transcompilador para *C*

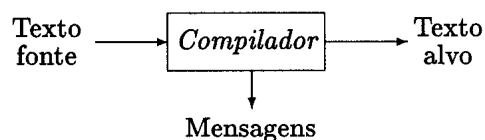
© RMAC X-2001

99

4. Processamento de Linguagens (6/15)

■ Compiladores (cont.)

- um compilador é específico de um determinado processador, ou seja, produz código máquina que varia com a marca do processador em que se pretende correr o programa depois de compilado
- as linguagens de programação de alto nível (texto fonte) são independentes da máquina alvo (processador em que o programa vai correr), enquanto que a linguagem de baixo nível (texto alvo) é específica para cada máquina



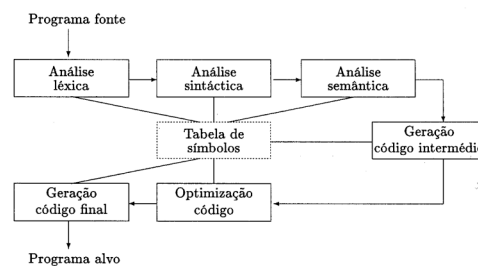
© RMAC X-2001

100

4. Processamento de Linguagens (7/15)

■ Compiladores (cont.)

- existe um grande desnível entre a complexidade das instruções na linguagem de alto nível e de baixo nível que “obriga” os compiladores a realizarem a geração de código em duas fases, recorrendo a código intermédio para facilitar a tarefa de compilação



© RMAC X-2001

101

4. Processamento de Linguagens (8/15)

■ Assembladores

- são funcionalmente muito parecidos com os compiladores, uma vez que traduzem um programa fonte para código máquina
- a diferença reside no facto de que o texto fonte, no caso dos assembladores (*assemblers*), não é escrito numa linguagem de alto nível, mas sim numa linguagem de menmónicas (*assembly*) estruturalmente tão simples quanto um programa em código máquina
- desta forma, o reconhecimento das frases é muito fácil, os esquemas de tradução são simples e o processo de tradução é directo
- os assembladores são praticamente iguais aos módulos de geração de código final dos compiladores

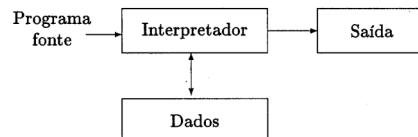
© RMAC X-2001

102

4. Processamento de Linguagens (9/15)

■ Interpretadores

- os interpretadores são processadores de linguagens que não geram texto alvo, uma vez que executam as instruções do programa fonte, logo que o reconhecem
- a execução é feita sobre a representação intermédia
- os interpretadores processam, geralmente, linguagens menos ricas estruturalmente do que os compiladores
 - os exemplos típicos são as linguagens *Basic* e *Prolog*



© RMAC X-2001

103

4. Processamento de Linguagens (10/15)

■ Linguagem de alto nível

```
VOID EXPORTAPI DrawBox(HDC hdc)
{
    // hdc is a value used by Windows to identify a
    // window to draw in.
    // The numbers represent coordinates in the window.
    MoveTo(hdc, 50,50);
    LineTo(hdc, 100,50);
    LineTo(hdc, 100,100);
    LineTo(hdc, 50,100);
    LineTo(hdc, 50,50);
}
```

© RMAC X-2001

104

4. Processamento de Linguagens (11/15)

■ Linguagem de baixo nível: *assembly*

```
DrawBox:                                push  OFFSET 100
    mov  ax,SEG con0                     push  OFFSET 100
    enter OFFSET L08041,OFFSET 0        call  FAR PTR LineTo
    push si                             push  WORD PTR 6[bp]
    push di                             push  OFFSET 50
    push ds                             push  OFFSET 100
    mov  ds,ax                           call  FAR PTR LineTo
    push WORD PTR 6[bp]                 push  WORD PTR 6[bp]
    push OFFSET 50                     push  OFFSET 50
    push OFFSET 50                     push  OFFSET 50
    call FAR PTR MoveTo                 call  FAR PTR LineTo
    push WORD PTR 6[bp]                 pop   ds
    push OFFSET 100                    pop   di
    push OFFSET 50                     pop   si
    call FAR PTR LineTo                 leave
    push WORD PTR 6[bp]                 ret   OFFSET 2
```

© RMAC X-2001

105

4. Processamento de Linguagens (12/15)

■ Linguagem de baixo nível: código máquina

```
B8 87 55                                6A 64
C8 02 00 00                             9A 96 0E 0F 05
56                                       FF 76 06
57                                       6A 32
1E                                       6A 64
8E D8                                   9A 96 0E 0F 05
FF 76 06                               FF 76 06
6A 32                                 6A 32
6A 32                                 6A 32
9A AA 0E 0F 05                       9A 96 0E 0F 05
FF 76 06                               E9 00 00
6A 64                                 1F
6A 32                                 5F
9A 96 0E 0F 05                       5E
FF 76 06                               C9
6A 64                                 CA 02 00
```

© RMAC X-2001

106

4. Processamento de Linguagens (13/15)

■ Tratamento de erros

- no contexto de processamento de linguagens, entende-se por tratamento de erros o processo que é desencadeado pelo reconhecedor logo após a *detecção de um erro* na frase que está a ser analisada
- a reacção compreende duas grandes tarefas
 - a *sinalização do erro* (ou notificação) a enviar ao utilizador (programador) para o alertar para o facto ter sido encontrada uma violação a uma das regras que fazem da sequência de símbolos uma frase da linguagem
 - a *correção/recuperação* que permite superar a falta detectada e prosseguir a análise até à aceitação da frase ou até à detecção de um novo erro

© RMAC X-2001

107

4. Processamento de Linguagens (14/15)

■ Detecção de erros

- a detecção de um erro é uma tarefa inerente à análise, ou seja, indissociável do reconhecimento
- quando um processador está a analisar uma frase, tentando verificar se ela foi correctamente escrita, de acordo com a gramática da linguagem em causa, são duas as razões que podem levar à detecção de um erro
 - *erro léxico*, quando surgem caracteres inválidos que impedem a identificação de qualquer símbolo terminal que pertence ao alfabeto da linguagem
 - *erro sintáctico*, quando existe a combinação inválida de símbolos terminais válidos, impedindo o reconhecimento de uma subfrase aceitável

© RMAC X-2001

108

4. Processamento de Linguagens (15/15)

■ Sinalização de erros

- a sinalização do erro é de importância crucial para que o programador possa localizar o foco de problemas, interpretá-los e corrigi-los definitivamente
- a mensagem enviada ao programador para assinalar um erro deveria, no mínimo, indicar
 - a posição (linha e coluna do programa fonte) onde o símbolo de erro foi encontrado
 - o símbolo de erro
 - a causa provável que justifica esse erro (diagnóstico), podendo indicar-se os símbolos de que o processador de linguagens estava à espera, ou a concordância que era pretendida